

# PSICOTERAPIA: PROPÓSITO, PROCESSO E PRÁTICA

Uma ampliação de **Um Curso em Milagres**  
(tradução de Vitorino de Sousa da versão em castelhano)

## INTRODUÇÃO

A psicoterapia é a única forma de terapia que existe. Dado que só a **mente** pode estar doente, só a mente precisa de **cura**<sup>1</sup>. Parece não ser assim, porque as manifestações deste **mundo** aparentam ser reais. A psicoterapia é necessária para que um indivíduo possa começar a questionar a realidade dessas manifestações. Por vezes, ele é capaz de começar a abrir a mente sem qualquer ajuda particular, mas, quando assim é, isso sempre decorre de algum tipo de mudança na **percepção** das relações interpessoais. Outras vezes, é necessária uma relação mais estruturada e prolongada com um terapeuta «oficial». Em qualquer das duas vias, a tarefa é a mesma: o paciente tem de ser ajudado para que mude de opinião sobre a realidade das ilusões.

## 1. O PROPÓSITO DA PSICOTERAPIA

1 – Muito simplesmente, o propósito da psicoterapia é eliminar as resistências à verdade. O objectivo dela é ajudar o paciente a abandonar o seu sistema fixo de auto-engano e começar a reconsiderar a falsa relação de causa/efeito sobre a qual esse sistema assenta. Neste mundo ninguém escapa ao **medo**, mas toda a gente pode reconsiderar as suas causas e aprender a avaliá-las correctamente. **Deus** concedeu-nos um Professor cuja Sabedoria e Ajuda ultrapassa qualquer contribuição que um terapeuta mundano possa providenciar. No entanto, há certas ocasiões e situações em que uma relação mundana paciente/terapeuta se transforma no meio através do qual esse Professor oferece, a ambos, os seus maiores dons.

2 – Que melhor propósito poderia ter qualquer relação do que convidar o **Espírito Santo** a santificá-la e a oferecer-lhe o Seu Próprio dom de Alegria? Que objectivo mais elevado poderia alguém ter do que aprender a chamar Deus e a ouvir a Sua Resposta? E que intenção mais transcendente pode haver do que relembrar o Caminho, a Verdade e a Vida, e recordar Deus? Ajudar neste sentido é o propósito da Psicoterapia. Que outra coisa poderia ser mais santa? Porque a Psicoterapia, correctamente entendida, ensina o **perdão**, ajudando o paciente a reconhecê-lo e a aceitá-lo. E, na cura do paciente, o terapeuta é perdoado juntamente com ele.

3 – Todo aquele que necessita de ajuda, seja qual for a forma do seu sofrimento, está promovendo um **ataque** a si mesmo, pelo que a paz da sua mente não pode deixar de ser posta em causa. Estas tendências são, com frequência, descritas como «auto-destrutivas», e o paciente, frequentemente, também as considera assim. Do que ele não se dá conta e o que necessita de aprender é que isso que pode ser destruído, que pode atacar e ser atacado\*, é um conceito que ele próprio engendrou. E mais: ele respeita-o, defende-o e, por vezes, chega até a desejar «sacrificar» a sua «vida» por pois considera-o como a sua própria identidade. É esta a «identidade» que ele vê a ser incitada a reagir a forças externas e sente estar indefesa face ao poder do mundo.

4 – Portanto, a Psicoterapia tem de restaurar, na consciência do paciente, a capacidade de tomar as suas próprias decisões. Tem de sentir vontade de alterar o seu pensamento e compreender que aquilo que ele julgava que projectava os seus efeitos sobre si, foi criado pelas suas próprias projecções sobre o mundo. O mundo que vê, portanto, não existe. Até que isto seja aceite, pelo menos em parte, o paciente não pode ver-se a si mesmo como sendo capaz de tomar decisões. E lutará contra a sua liberdade acreditando ser escravidão.

5 – O paciente não precisa de pensar na verdade e de a identificar com Deus para fazer progressos na **salvação**. Tem, no entanto, de começar a separar a verdade da ilusão, reconhecendo que não são o mesmo, e cada vez mais desejar ver as ilusões como falsas, assim como aceitar a verdade como autêntica. O Seu Professor levá-lo-

---

1 - Para as palavras em negrito, veja o Glossário no final do texto.

\* - Referencia ao **ego**. Esta nota é da tradução portuguesa, assim como todas as outras que encontrará ao longo da leitura.

levá-lo-á deste ponto inicial até onde o paciente esteja disposto a ir. A Psicoterapia só pode poupar-lhe **tempo**. O Espírito Santo utiliza o tempo como considera oportuno, e nunca se engana. A Psicoterapia, desde que sob a Sua direcção, é um meio que Ele utiliza para poupar tempo e para preparar outros professores para o seu trabalho. Não há um fim para a ajuda que Ele começa e dirige. Não importam os caminhos que Ele escolha, pois, no final, toda a sua psicoterapia conduz a Deus. Essa é a Sua atribuição. Todos somos Seus psicoterapeutas, porque, desta forma, Ele curar-nos-á a todos no seu seio.

## 2. O PROCESSO DA PSICOTERAPIA

### Introdução

1 - A psicoterapia é um processo que muda a percepção que alguém tem sobre si mesmo. No melhor dos casos, este novo «si mesmo» é um conceito de si mesmo mais benéfico, embora não deva esperar-se que a psicoterapia estabeleça a realidade. Essa não é a sua função. Se propõe um caminho para a realidade, terá alcançado o seu mais elevado e último êxito. Em última análise, a sua função é ajudar o paciente a tratar um erro fundamental: a crença em que o desgosto lhe traz algo que ele realmente deseja e que, ao justificar o ataque, está a proteger-se a si mesmo. Será salvo na medida que compreenda que isto é um erro.

2 – Os pacientes não entram numa relação terapêutica tendo este objectivo em mente. Pelo contrário, este conceito tem pouco significado para eles; se tivesse, não precisariam de ajuda. A intenção que trazem é a de serem capazes de manter o seu auto-conceito tal como está, mas sem o sofrimento que isso acarreta. O seu equilíbrio repousa na crença doentia em que isso é possível. E, uma vez que para uma mente saudável tal coisa é claramente impossível, é evidente que vêm em busca de **magia**. Nas ilusões o impossível é facilmente alcançável, mas somente à custa de tornar reais as ilusões. O paciente já pagou este preço. Agora, quer uma ilusão melhor.

3 – No início, portanto, os interesses do paciente e do terapeuta estão divididos. Tanto o terapeuta como o paciente, podem acalentar falsos auto-conceitos, mas as suas respectivas percepções de «melhoras», pelo menos, têm de ser diferentes. O paciente espera aprender a conseguir as mudanças que pretende sem alterar o seu auto-conceito. De facto, espera estabilizá-lo o suficiente para incluir nele os poderes mágicos que espera encontrar na psicoterapia. Quer fazer com que o vulnerável seja invulnerável e que o finito seja infinito. O «eu» que vê é o seu deus, e anseia, unicamente, servi-lo melhor.

4 – Independentemente de quão sincero o terapeuta possa ser, decerto quererá mudar o conceito que o paciente tem sobre si mesmo através de alguma forma que ele, enquanto terapeuta, considere real. A tarefa da psicoterapia é reconciliar estas diferenças. Felizmente, ambos aprenderão a abandonar as suas intenções iniciais, uma vez que só através das relações se acha a salvação. No início, é inevitável que paciente e terapeuta afins aceitem objectivos totalmente livres de implicações mágicas. Mas, no final, todos esses objectivos serão abandonados em ambas as mentes.

### I. OS LIMITES NA PSICOTERAPIA

1 - O resultado ideal raramente é alcançado. A terapia começa com a compreensão de que o que tem de ser curado é a mente, e, em psicoterapia, aqueles que já crêem nisso, sempre acabam por se encontrar. Pode acontecer que não vão muito mais longe, uma vez que ninguém aprende nada que esteja para além da sua disponibilidade. Todavia, os níveis de disponibilidade mudam, e quando paciente e terapeuta passam ao nível seguinte, uma nova relação lhes é oferecida para satisfazer essa necessidade de mudança. Talvez se juntem de novo e avancem dentro da mesma relação, tornando-a mais santa. Ou talvez cada um deles comece um novo compromisso. Mas de uma coisa podem estar certos: ambos progrediram. O retrocesso é, apenas, temporal. A trajectória principal dirige-se sempre para a verdade.

2 – A psicoterapia, em si, não é criativa. Este é um dos erros que o ego costuma fomentar: o de que é capaz de realizar um mudança autêntica e, portanto, de ser verdadeiramente criativo. Não é isto que queremos dizer com «a ilusão salvadora» ou «o sonho final»<sup>2</sup>, mas esta é a última defesa do ego. A «resistência» é a sua forma de ver as coisas, é a sua interpretação de progresso e de crescimento. Estas interpretações estão erradas, porque são falsas. As mudanças que o ego tenta realizar não são reais. São, porventura, sombras mais profundas ou talvez padrões de nuvens diferentes. Todavia, o que está feito de nada não pode ser considerado novo e diferente. As ilusões, ilusões são; a Verdade é a Verdade.

---

<sup>2</sup> - Referência a expressões usadas em *Um Curso em Milagres*.

3 – A resistência, tal como foi aqui definida, pode ser uma característica quer do terapeuta, quer do paciente. Em qualquer dos casos, ela estabelece um limite na psicoterapia porque lhe restringe os objectivos. O Espírito Santo não pode lutar contra as intrusões do ego no processo terapêutico. Mas Ele esperará, e a sua paciência é infinita. O objectivo Dele é sempre indivisível. Não importa a quantidade de resoluções que paciente e terapeuta adoptem, fiéis aos seus interesses divergentes; jamais poderão pôr-se de acordo mutuamente até que se unam com Ele. Só então todos os conflitos são superados, pois só então se pode ter a certeza.

4 – A psicoterapia ideal é uma série de encontros santos, nos quais dois irmãos se abençoam mutuamente e recebem a paz de Deus. Um dia, assim acontecerá com todos os «doentes» da Terra, porque quem é que, excepto um doente, poderia ter vindo até aqui? O terapeuta é somente um **professor de Deus**, ligeiramente mais especializado. Aprende através do seu ensino e, quanto mais avançado está, mais ensina e aprende. Mas, independentemente do nível em que se encontre, há pacientes que precisam dele tal como é e está nesse momento. Por agora, eles não podem receber mais do que podem dar. Todavia, no final, ambos encontrarão a serenidade.

## II. O LUGAR DA RELIGIÃO NA PSICOTERAPIA

1 – Ser um professor de Deus não significa necessariamente ser religioso ou crer em Deus, seja de que forma for. É necessário, pelo contrário, ensinar o perdão e não condenar. Mas até nisto não é necessária uma coerência total, porque alguém que tenha chegado a este ponto pode, num só instante e sem utilizar a palavra, ensinar completamente o que é a salvação. Todavia, quem tenha aprendido tudo não precisa de um professor e quem está curado não precisa de um terapeuta. As relações continuam a ser o templo do Espírito Santo, e serão aperfeiçoadas no tempo e restauradas na Eternidade. A «religião formal» não tem lugar na psicoterapia, tal como não tem na religião. Neste mundo há uma surpreendente tendência para juntar palavras contraditórias num mesmo termo, sem que se consiga perceber a contradição. Querer formalizar a religião é uma intenção tão obviamente egóica, no sentido de reconciliar o irreconciliável, que precisa de ser já abordada, aqui. A religião é experiência, a psicoterapia é experiência. Nos níveis mais altos, ambas se tornam uma. O que será preciso para se encontrar a verdade - a qual permanece perfeitamente óbvia - senão eliminar os aparentes obstáculos que impedem a verdadeira consciência?

2 – Ninguém que aprenda a perdoar pode falhar na sua intenção de recordar Deus. Assim, o perdão é tudo o que precisa de ser ensinado, porque é tudo o que precisa de ser aprendido. Todos os obstáculos à recordação de Deus são formas de ódio e nada mais. Isto nunca é percebido pelo paciente e só raramente o é pelo terapeuta. O mundo reuniu todas as suas forças contra esta única consciência, porque, nela, repousa o final desse mundo e de tudo o que ele representa.

3 – Acaso não é a Consciência de Deus uma meta razoável para a Psicoterapia? Ela chegará quando a psicoterapia for total, pois, quando há perdão, a Verdade tem de estar presente. Na verdade, seria injusto que a crença em Deus fosse necessária para o êxito da psicoterapia. Sequer a crença em Deus é um conceito muito significativo, dado que Deus só pode ser conhecido. A crença implica que a não-crença é possível, mas o **conhecimento** de Deus não tem opostos. Não conhecer Deus é não possuir o conhecimento, e é a isto que o ódio conduz. E, sem conhecimento, só se pode crer.

4 – Diferentes ensinamentos ajudam a chamar diferentes pessoas. Algumas formas de religião nada têm que ver com Deus, tal como algumas formas de psicoterapia nada têm que ver com a cura. Mas se o aluno e o professor se unirem para compartilhar uma só meta, Deus entrará nessa relação porque terá sido convidado a entrar. Da mesma forma, esse acordo acerca da intenção restaura o lugar de Deus, primeiro através da visão de **Cristo**, depois através da memória do próprio Deus. O processo da psicoterapia é o retorno à serenidade. O professor e o aluno, o terapeuta e o paciente, estão todos loucos ou não estariam aqui. Juntos podem encontrar uma via de saída, porque ninguém chegará à serenidade sozinho.

5 – Se a cura é um convite de Deus para entrar no Seu Reino, que importância pode ter a forma como está escrito o convite? Acaso importa o papel, a tinta ou a caneta? Ou importa quem escreve o convite? Deus virá até àqueles que restaurem o Seu Mundo, por terem encontrado a forma de O chamar. Se duas pessoas se juntam, Deus tem de estar presente. Não importa qual seja o propósito delas, embora tenham de o compartilhar totalmente para alcançá-lo. É impossível compartilhar um objectivo não abençoado por Cristo, porque o que Ele não vê está demasiado fragmentado para fazer sentido.

6 – Como só a verdadeira religião cura, a psicoterapia tem de ser religiosa. Mas ambas adoptam formas diferentes, dado que nenhum bom professor usa a mesma técnica com todos os alunos. Pelo contrário, ouve pacientemente cada um deles e permite que seja o aluno a formular o seu próprio plano de aprendizagem; não o objectivo do plano de aprendizagem, mas como pode alcançar mais facilmente a meta a que se propôs. Talvez o psicoterapeuta não compreenda que a cura provem de Deus. Todavia, eles podem triunfar onde muitos, que crêem ter encontrado Deus, fracassaram.

7 – O que é que o professor tem de fazer para assegurar o ensinamento? O que é que o terapeuta tem de fazer para conseguir a cura? Apenas uma coisa: o mesmo que a salvação requer de qualquer pessoa. Todos temos de compartilhar um objectivo com alguém e, assim, perder qualquer sentimento de interesses separados. Só

fazendo isto é possível transcender os estreitos limites que o ego impõe à **consciência**. Só fazendo isto pode o professor e o aluno, o terapeuta e o paciente, tu e eu, aceitar a **Expição** tal como foi recebida.

8 – A comunhão é irrealizável solitariamente. Ninguém que permaneça separado pode receber a visão de Cristo. Ela é-lhe oferecida com ambas as mãos, mas a pessoa não pode, sequer, abrir uma delas para a receber. A visão de Cristo permite-lhe permanecer em silêncio e, na necessidade do seu irmão, reconhecer a sua própria necessidade, bem como descobrir que ambos se conhecem como um só, porque um é o que são. O que é a religião senão uma ajuda para reconhecer que isto é assim? E o que é a psicoterapia excepto uma ajuda na mesma direcção? É o fim que faz com que estes processos sejam similares, porque são um no fim que almejam e, portanto, têm de ser um nos meios de que se servem.

### III. O PAPEL DO PSICOTERAPEUTA

1 – O psicoterapeuta é um *líder* no sentido em que anda ligeiramente à frente do paciente. No caso ideal também é um seguidor, dado que Algo tem de caminhar à sua frente para lhe iluminar o percurso. Sem esta ajuda, ambos tropeçariam cega e infinitamente. No entanto, é impossível que tal ajuda não esteja presente quando o objectivo é curar. Todavia, poderá não ser reconhecida. Se assim for, a pequena luz que, então, pode ser aceite é tudo o que há para iluminar o caminho da verdade.

2 – Assim, a cura vê-se travada pelas limitações do psicoterapeuta, embora também seja limitada pelas do paciente. O objectivo do processo é, por conseguinte, transcender esses limites. Ninguém pode fazer isto sozinho, mas, quando se unem, a potencialidade para transcender qualquer limitação é-lhes dada. A partir deste momento, o alcance do seu êxito depende de quanta desta potencialidade desejam utilizar. No início, a vontade pode proceder somente de um deles, mas crescerá à medida que é compartilhada. O processo converte-se numa questão de decisão: pode chegar perto do **Céu** ou não se afastar mais do que um passo ou dois do inferno.

3 – É possível que a psicoterapia pareça fracassar. É possível que o resultado pareça um retrocesso. Mas, no final, tem de haver algum progresso. Um pede ajuda; o outro ouve e tenta responder. Esta é a fórmula para a salvação, e tem de curar. Os objectivos divididos não fazem mais do que interferir com a ajuda perfeita. Um terapeuta totalmente livre do seu ego, poderia curar o mundo sem dizer uma só palavra, unicamente estando ali. Ninguém necessita vê-lo, falar-lhe ou, sequer, saber da sua existência. A sua presença é suficiente para curar.

4 – O terapeuta ideal é uno com Cristo. Mas a cura é um processo, não um facto. O terapeuta não pode progredir sem o paciente e o paciente não pode estar pronto para receber Cristo, senão não estaria doente. Num certo sentido, o psicoterapeuta sem ego é uma abstracção que emerge no final do processo de cura, alguém demasiado avançado para crer na doença e demasiado perto de Deus para manter os seus pés na terra. Agora, ele pode ajudar através daqueles que precisam de ajuda, porque, desta forma, leva a cabo o plano estabelecido pela salvação. O psicoterapeuta converte-se no seu próprio paciente trabalhando através de outros pacientes, para expressar os seus pensamentos à medida que os recebe da Mente de Cristo.

### IV. O PROCESSO DA DOENÇA

1 – Tal como qualquer terapia é psicoterapia, qualquer doença é doença mental. O julgamento é uma decisão tomada repetidamente contra a criação e o seu Criador. É uma decisão de perceber o Universo como o terias criado. É a decisão de que a verdade pode mentir. Assim, o que poderá ser a doença senão uma expressão de dor e de **culpa**? E quem poderia chorar excepto pela sua inocência?

2 – Uma vez que o **Filho de Deus** se considere culpado, a doença torna-se inevitável. Ela foi pedida e será recebida. E todos os que optaram pela doença condenaram-se a procurar por remédios que não os podem ajudar, porque puseram a sua fé na doença e não na salvação. Não há nada que não seja afectado por uma mudança de mentalidade, porque todas as coisas externas são apenas as sombras de uma decisão já tomada. Se a decisão muda, como poderia não mudar a sombra? A doença é a sombra da culpa, grotesca e horrível, porque representa a deformidade. Se uma deformidade é vista como real, como poderia ser a sua sombra senão disforme, também?

3 – Uma vez tomada a decisão de que a culpa é real, a descida até ao inferno continua passo a passo, numa caminhada inevitável. A doença, a **morte** e a miséria invadem a Terra em ondas sucessivas, às vezes juntas, de mãos dadas, outras vezes transformando-se umas nas outras. Mas, por muito real que tal pareça, não passa de uma ilusão. Quem poderá continuar a ter fé na doença, na morte e na miséria desde que se dê conta disto? E quem é que não tem fé nelas enquanto não se dá conta disto? A cura é a terapia ou a correcção; já dissemos e repetimos: qualquer terapia é psicoterapia. Curar os doentes é trazer isto à sua consciência.

4 – A palavra «cura» caiu em descrédito entre os mais respeitados terapeutas do mundo por razões óbvias: nenhum deles pode curar e nem um, sequer, compreende o que significa curar. No pior dos casos, tornam o corpo real nas suas mentes e, tendo feito isto, procuram a magia capaz de curar os doentes. Como é que este processo pode curar? É ridículo, do princípio ao fim. Embora tenha tido início, tem de terminar da mesma maneira. É como se Deus fosse o diabo e tivesse de ser encontrado no mal. Como pode haver amor aqui? Como pode a doença curar? E, acaso, estas duas perguntas não são a mesma?

5 – No melhor dos casos, e a palavra aqui é questionável, os «curadores» do mundo podem reconhecer que a mente é a fonte da doença. Mas o erro reside na crença em que ela pode curar-se por si mesma. Isto tem um certo mérito neste mundo onde o termo «níveis de erro» encerra um conceito com significado. Mas tais curas são temporárias, ou surge outra doença, uma vez que a morte não é deixada para trás até que se compreenda o significado do amor. E como podes compreender isto sem a palavra Deus, dada pelo Espírito Santo como sendo o Seu dom?

6 – Qualquer tipo de doença pode ser definido como o resultado de alguém se ver a si mesmo como débil, vulnerável, mau e em perigo e, portanto, com uma contínua necessidade de defesa. Mas se isto fosse realmente assim, qualquer defesa seria impossível. Por consequência, as **defesas** procuradas têm de ser mágicas. Têm de superar todos os limites percebidos pela própria pessoa, ao mesmo tempo que criam um novo auto-conceito ao qual o antigo não pode voltar. Numa palavra, o erro é aceite como real e reconhecido pelas ilusões. Trazer a Verdade às ilusões faz com que se entenda a realidade como uma ameaça e um mal. O amor converte-se em algo temido, porque a realidade é o amor. Assim se encerra o círculo contra os «ataques» da salvação.

7 – A doença, portanto, é um erro que precisa de correcção. E, como temos enfatizado, a correcção não pode realizar-se começando por estabelecer o lado «correcto» do erro e, depois, deixar de lhe dar importância. Se a doença é tida como real, não pode, na verdade, deixar de receber importância, porque desprezar a realidade é demência. Ainda que este seja o objectivo da magia - tornar as ilusões reais graças a uma falsa percepção – ela não pode curar porque se opõe à verdade. Talvez, por um momento, uma ilusão de saúde substitua a doença, mas essa ilusão não será duradoura. O medo não pode ser escondido pelas ilusões durante muito tempo, porque faz parte delas. Ao ser a fonte de todas as ilusões, o medo conseguirá escapar e tomará outra forma.

8 – A doença é uma loucura, porque qualquer doença é uma doença mental, e nisto não existem graus. Uma das ilusões que faz com que a doença seja percebida como real é a crença em que ela varia em intensidade e que o grau de ameaça que representa difere segundo a forma que adopte. Esta é a base de todos os erros, pois todos eles não passam de tentativas de te comprometer por teres visto um bocadinho do inferno. Isto é uma trapaça tão distante de Deus que sempre será inconcebível. Mas os dementes crêem nela porque são dementes.

9 – Um louco defenderá as suas ilusões porque vê nelas a sua salvação. Desta forma, atacará quem tentar livrá-lo delas por crer que é ele mesmo quem está a ser atacado. Este curioso círculo de defesa/ataque é um dos problemas mais difíceis de tratar pelo psicoterapeuta. O terapeuta é percebido como alguém que ataca a possessão mais apreciada pelo paciente: a sua auto-imagem. E, dado que nessa auto-imagem repousa a segurança do paciente tal como ele a percebe, o terapeuta não pode deixar de ser considerado como sendo a real fonte do perigo, a qual é preciso atacar, senão mesmo aniquilar.

10 – Em consequência, o psicoterapeuta tem uma tremenda responsabilidade. Tem de associar o ataque sem ataque e, portanto, sem defesa. A sua tarefa é mostrar que as defesas não desnecessárias e que a indefesa é a força. Tem de ser este o seu ensinamento, se a sua lição procura estabelecer que serenidade é segurança. Nunca será demais repetir que os doentes vêem a serenidade como uma ameaça. Este é o corolário do «pecado original»: a crença em que a culpa é real e está plenamente justificada. Portanto, é função do terapeuta ensinar não só que a culpa, não sendo real, não pode ser justificada, mas também que, sendo esta a sua natureza, jamais poderá oferecer qualquer espécie de segurança. E, assim, a culpa deve ter tão indesejada, como vista como irreal.

11 – A simples doutrina da salvação é a meta de qualquer terapia. Ao aliviar a mente do demente fardo da culpabilidade que arrasta consigo, a cura torna-se um facto. O corpo não é curado. Apenas é reconhecido por aquilo que é. Visto correctamente, o propósito do corpo pode ser compreendido. Portanto, qual a necessidade de ficar doente? Realizando esta pequena mudança, tudo o mais virá por acréscimo. Não é precisa uma mudança complicada. Não há necessidade de longas análises, nem de discussões desgastantes. A verdade é simples, por ser igual para todos.

## V. O PROCESSO DA CURA

1 – Se bem que a verdade seja simples, tem de ser ensinada àqueles que se perderam em intermináveis enredos de complexidade. Esta é a grande ilusão. Na sua esteira chega a crença inevitável de que, para estar a salvo, se deve controlar o desconhecido. Esta estranha crença repousa em certos passos que jamais conduzirão à Consciência. Em primeiro lugar, encontramos a convicção de que para estar ou permanecer vivo há que superar certas forças. Depois, parece que essas forças só podem ser dominadas por um desmedido sentido do eu, capaz de manter na obscuridade o que é sentido como certo e capaz de procurar elevar as ilusões ao nível da realidade.

2 – Recordemos que aqueles que vêm até nós à procura de ajuda estão amargamente assustados. Mas aquilo que eles julgam que ajuda só prejudica. Não há progresso possível até que o paciente aceite corrigir a sua maneira distorcida de ver o mundo; a sua retorcida maneira de ver-se a si mesmo. A verdade é simples. Ainda assim, deve ser ensinada àqueles que se atacam a si mesmos porque se sentem em perigo, e àqueles que, acima de qualquer outra coisa, precisam da lição da indefesa para lhes mostrar o que é a força.

3 – Se este mundo fosse ideal, talvez pudesse haver uma terapia ideal. Ainda assim, seria desnecessária neste mundo ideal. Falamos de um ensinamento ideal, num mundo em que o professor ideal não podia permanecer. O

psicoterapeuta ideal não é senão uma centelha de pensamento ainda não concebido. Seja como for, falamos do que pode ser feito para ajudar os dementes dentro dos limites do alcançável. Enquanto estiverem doentes podem e devem ser ajudados. Nada mais é pedido à psicoterapia; nada menos é pedido ao psicoterapeuta do que tudo o que tem de **dar** - uma vez que é Deus, Ele Mesmo - ao seu irmão, sendo este entendido como aquele que salvará, do mundo, o próprio terapeuta.

4 – A cura é santa. Não há nada mais santo do que aquele que ajuda aquele que pede. E, por terem essa intenção, os dois se aproximam muito de Deus, não importa quão limitada, nem quão falha de sinceridade seja essa intenção. Onde dois se encontram reunidos para curar, aí está Deus. E, na verdade, Deus garantiu que ouviria e responderia. Podem eles estar seguros de que a cura é um processo dirigido por Deus, porque é a expressão da Sua Vontade. Sirvamo-nos da Sua Palavra para nos guiar, à medida que tentamos ajudar os nossos irmãos. Que não nos esqueçamos de que estamos indefesos face a nós mesmos, e apoiemo-nos numa força que está para além do nosso pequeno alcance, tanto para ensinar como para ajudar.

5 – Um irmão que procura por ajuda pode trazer-nos dons que estão muito para além das alturas percebidas nos nossos **sonhos**. Oferece-nos a salvação, dado que vem a nós como Cristo, o Salvador. Aquilo que pede é pedido por Deus, através dele. E o que fazemos por ele converte-se numa dádiva que fazemos a Deus. A sagrada petição de ajuda do santo Filho de Deus, na sua aparente desgraça, não pode deixar de ser respondida pelo Seu Pai. Ainda assim, precisa de uma voz através da qual a Sua Santa Palavra possa ser pronunciada, uma mão para alcançar o Seu Filho e tocar o seu coração. Num processo assim, quem poderia não curar? Esta santa interacção é o plano do próprio Deus através do qual o Seu Filho é salvo.

6 – Dois uniram-se. Agora, Deus cumpre as promessas que fez. Os limites postos pelo paciente e pelo terapeuta não contarão para nada, pois a cura teve início. O que eles têm de começar, o Seu Pai concluirá, uma vez que Ele nunca pediu mais do que um pouco de vontade, o mais pequeno avanço, o mais ligeiro murmúrio do Seu Nome. Pedir ajuda, seja qual for a forma adoptada, nada mais é do que apelar a Ele. E Ele enviará a Sua Resposta através do terapeuta que melhor possa servir o Seu Filho em todas as necessidades presentes. Talvez a resposta não pareça ser um dom do Céu. Pode acontecer, até, que pareça um agravamento em vez de uma ajuda. Em qualquer caso, no caímos no erro de nos permitirmos julgar os resultados.

7 – Seja como for, as dádivas de Deus têm de ser recebidas. No tempo, não se podem fazer esforços em vão. Não nos é pedida perfeição nas nossas intenções de curar. Aliás, já nos estamos a enganar quando pensamos que há necessidade de curar. A verdade chegará através de alguém que parece estar a compartilhar o nosso sonho de doença. Ajudemo-lo a perdoar a ele mesmo os **pecados** com que se auto-condenou sem justa causa. A cura dele é a nossa cura. E ao ver a impecabilidade, que está nesse irmão, surgir através do véu de culpabilidade que envolve o Filho de Deus, nele contemplaremos o **rosto de Cristo** e compreenderemos que não é mais do que a nossa própria face.

8 – Permaneçamos em silêncio face à Vontade de Deus e façamos o que Ele escolheu que fizéssemos. Só existe um caminho através do qual chegamos ao lugar onde começam todos os sonhos. E é aí que os largaremos e seguiremos em paz para sempre. Escuta um irmão a pedir ajuda e responde-lhe. Será a Deus que respondes, porque a Ele apelaste. Não há outra forma de ouvir a Sua Voz. Não há outra forma de procurar pelo Seu Filho. Não há outro caminho para te encontrares a ti mesmo. Santo é o acto de curar, dado que o Filho de Deus regressa ao Céu através do seu terno abraço, porque a cura diz-lhe, com a Voz que fala por Deus, que todos os seus pecados foram perdoados.

## VI. A DEFINIÇÃO DA CURA

1 – O processo da psicoterapia pode, então, ser definido simplesmente como o perdão, porque a cura não pode ser outra coisa. Os que não perdoam estão doentes, acreditando que não são perdoados. O apego à culpabilidade, o estreito abraço e a amorosa protecção que lhe dão, são somente a implacável recusa do perdão. «Deus não pode entrar aqui» é a sentença que os doentes repetem incessantemente, enquanto lamentam a Sua perda e se regozijam com ela. A cura produz-se quando um paciente começa a ouvir o canto fúnebre que ele próprio entoia continuamente e se questiona acerca da sua validade. Enquanto não ouvir este canto, não pode entender que é ele mesmo que o canta para si mesmo. Escutar tal canto é o primeiro passo da sua recuperação. Questioná-lo tem de ser a sua escolha.

2 – Há uma forte tendência para ouvir este canto de morte brevemente e, depois, deixá-lo escapar sem correcção. Esta consciência passageira encarna as imensas oportunidades que nos são dadas para, literalmente, «mudar o disco». O som da cura poderia ser ouvido, no seu lugar. No entanto, antes, tem de surgir a vontade de questionar a «verdade» do canto de condenação. As estranhas distorções que se agitam inextricavelmente no auto-conceito – que não é senão uma pseudo criação – convertem-se em algo verdadeiramente belo. «O ritmo do Universo», «o canto do anjo enviado» são ouvidos em vez dos alaridos discordantes.

3 – O ouvido traduz, não ouve. O olho reproduz, não vê. A sua tarefa consiste em tornar agradável qualquer coisa, não importa quão desagradável possa ser. Olhos e ouvidos respondem às decisões da mente, reproduzindo os seus desejos e transformando-os em formas agradáveis e prazenteiras. Em algumas ocasiões, o pensamento que se encontra por detrás surge à superfície por um breve momento, o que provoca o pânico na mente e desencadeia a dúvida sobre a sua própria serenidade. Apesar disto, a mente não permitirá aos seus escravos

alterar as formas para onde olham e alterar os sons que ouvem. Estes são os seus «remédios», as suas «salvas-guardas» da loucura.

4 – Estes testemunhos fornecidos pelos sentidos têm apenas um propósito: justificar o ataque e, assim, manter o ódio naquilo que é reconhecido como tal. Se fosse visto sem disfarce e sem protecção, não poderia resistir. Eis aqui, pois, a doença acarinhada, mas sem que tal se reconheça. Porque, quando um ódio permanece sem ser reconhecido, a forma que adquire parece ser outra coisa. E, agora, é essa «outra coisa» que parece produzir o terror. Mas não é essa «outra coisa» que pode ser curada. Não está doente e não precisa de remédio. Concentrar nisso todos os esforços de cura é totalmente inútil. Quem poderia curar o que não pode adoecer, e fazê-lo bem?

5 – A doença adquire múltiplas formas, tal como o ódio. As formas de um reproduzem as formas do outro, uma vez que são a mesma ilusão. Uma reproduz a outra tão fielmente que um estudo atento da forma adoptada por uma doença mostra, com suficiente claridade, a forma de ódio que representa. No entanto, ver isto não trará a cura. Esta é alcançada, unicamente, graças a um reconhecimento: só o perdão cura o ódio, e só o ódio pode gerar a doença.

6 – Este reconhecimento é a meta final da psicoterapia. Como se alcança isto? O terapeuta vê no paciente tudo o que não conseguiu perdoar a si mesmo e, assim, recebe uma nova oportunidade de contemplar isso, de voltar a abri-lo, reavaliar e perdoar. Quando isto ocorre, vê os seus pecados como que atirados para um passado que já não está aqui. Até que faça isto, não pode deixar de ver o mal acossando-o por todos os lados. O paciente é o ecrã sobre o qual se projectam todos os pecados do terapeuta, permitindo-lhe, assim, que se vão. Se decide reter uma só partícula de pecado naquilo que vê, a sua libertação é parcial e não será segura.

7 – Ninguém é curado sozinho. Este é o belo canto que a salvação entoia a quem quiser ouvir a sua Voz. Esta afirmação nunca será demasiadamente recordada por todos os que se vêem a si mesmos como terapeutas. Os seus pacientes não podem ser observados senão como portadores do perdão, porque vêm para manifestar a sua impecabilidade aos olhos que ainda crêem existir pecado para contemplar. A prova da impecabilidade, vista no paciente e aceite no terapeuta, oferece, a ambos, um lugar onde se encontram, se unem e são como um.

## VII. A RELAÇÃO IDEAL PACIENTE/TERAPEUTA

1 – Quem é, então, o paciente e quem é o terapeuta? No final, são sempre ambos. Aquele que necessita de cura tem de curar. O médico cura-se a si mesmo. Quem mais pode curar? E quem mais precisa de ser curado? Cada paciente que vem a um terapeuta oferece-lhe a oportunidade dele próprio se curar. O paciente é, em consequência, o terapeuta. E todos os terapeutas têm de aprender a curar através de cada paciente que vem até eles. Assim, o terapeuta converte-se no paciente do paciente. Deus não conhece **separação**. A sua sabedoria reflecte-se na relação ideal paciente/terapeuta. Deus acode àquele que chama e Nele se reconhece a si mesmo.

2 – Pensem cuidadosamente, professores e terapeutas, por quem rezam e quem precisa de cura. Porque a terapia é **oração**, e a cura é o seu objectivo e o seu resultado. O que é a oração senão a união de várias mentes numa relação na qual Cristo pode entrar? Essa relação é o seu Domicílio, para o qual o psicoterapeuta O convida. O que é a cura de um sintoma, quando há sempre algum outro para escolher? Mas, uma vez Cristo presente, que outra escolha pode haver a não ser a de que Ele permaneça connosco? Não há necessidade de mais nada, uma vez que isto é tudo. A Cura está aqui, assim como a felicidade e a paz. Estes são os «sintomas» da relação ideal paciente/terapeuta, que substituem aqueles que o paciente trazia quando veio em busca de ajuda.

3 – O processo produzido na relação é, na realidade, aquele em que o terapeuta se dirige ao coração do paciente para lhe dizer que todos os seus pecados foram perdoados, juntamente com os seus próprios. Qual poderia ser a diferença entre curar e perdoar? Só Cristo perdoa porque conhece a sua impecabilidade. A Sua visão cura a percepção, e a doença desaparece. Jamais voltará, desde que a sua causa tenha sido eliminada. Isto, no entanto, necessita da ajuda de um terapeuta muito avançado, capaz de se unir ao paciente numa **relação santa**, onde qualquer sentimento de separação é finalmente superado.

4 – Para isto, uma coisa, apenas uma coisa, é necessária: que, em nenhum caso e de nenhuma maneira, o terapeuta se confunda com Deus. De alguma forma, todos os «curadores não curados» caem nesta confusão fundamental, porque se vêem a si mesmos como auto-criados em vez de criados por Deus. Esta confusão é muito rara, senão impossível, num determinado tipo de consciência, pois, então, o curador não curado converter-se-ia, nesse momento, num professor de Deus, dedicando a sua vida à função da verdadeira cura. Antes de alcançar este ponto, ele pensava estar a cargo do processo terapêutico e, portanto, que era o responsável pelo resultado. Os erros dos seus pacientes convertiam-se nos seus próprios fracassos, e a culpa, obscura e forte, instalava-se ocupando o lugar do que deveria ter sido a santidade de Cristo. A culpa é inevitável naqueles que utilizam os seus **juulgamentos** para tomar as suas decisões. A culpa é impossível naqueles através dos quais o Espírito Santo fala.

5 – A superação da culpabilidade é o verdadeiro objectivo da terapia e o óbvio objectivo do perdão. Nisto pode ser vista, claramente, a sua unicidade. Portanto, quem é que, ao sentir-se responsável por ser guia de um irmão, poderia experimentar o fim da sua culpabilidade? Tal função pressupõe uma sabedoria que ninguém, aqui,

pode albergar; uma certeza do passado, presente e futuro, bem como de todos os efeitos que poderiam ocorrer através deles. Somente desde este ponto de vista omnisciente se poderia representar um papel assim. Como nenhuma percepção é omnisciente, nenhum diminuto ego, sozinho contra todo o universo, é capaz de tal sabedoria, excepto na loucura. Que muitos terapeutas estão loucos, é óbvio. Nenhum curador não curado pode estar totalmente equilibrado.

6 – Por conseguinte, é tão demente não aceitar a função que Deus te deu, como inventar uma outra que Ele não te deu. O terapeuta avançado não pode duvidar, seja de que maneira for, do poder que alberga no seu interior. Tão pouco pode duvidar da sua Fonte. Compreende que todo o poder da terra e do Céu lhe pertence em função do que ele é. E isto é assim graças ao seu Criador, cujo Amor está nele e não pode fracassar. Pensa no que isto significa: possuir os dons de Deus para, por sua vez, lhos restituir. Os pacientes do terapeuta avançado são santos de Deus que apelam para que a santidade do terapeuta se torne sua. E, ao dá-la, ambos contemplam a face de Cristo resplandecer por ter chegado até eles.

7 – Porque crêem ser Deus, os dementes não se assustam por oferecer debilidade ao Filho de Deus. Mas, o que vêem Nele, aterroriza-os precisamente por isso. O curador não curado não pode sentir senão medo dos seus pacientes e suspeitar deles devido à traição que vê em si mesmo. Ele tenta curar; pode até acontecer que, uma vez ou outra, o consiga. Mas só terá êxito até certo ponto e por um período muito curto de tempo. Não vê o Cristo que está nele e que chama por ele. Que resposta se pode dar a alguém que parece ser um estranho por estar afastado da verdade e por ser pobre em sabedoria, sem o Deus que haveria de lhe ser dado? Contempla o teu Deus nele, porque o que vives será a tua Resposta.

8 – Pensa no que significa realmente a união de dois irmãos. E, então, esquece o mundo, todos os pequenos triunfos e os seus sonhos de morte. Os que são o mesmo são um, e nada que pertença ao mundo da culpabilidade pode agora ser recordado. O casebre transforma-se num templo e a vereda num caudal de estrelas que arrastam e desvanecem todos os sonhos de doença. A cura é um facto, porque o que é perfeito não precisa de cura. E o que sobra para perdoar onde nunca houve pecado?

9 – Sente-te agradecido, terapeuta, por poderes ver tais coisas desta maneira, se compreendes minimamente qual é o teu autêntico papel. Porque, se falhas nisto, terás negado que Deus te criou e, assim, não saberás que és o Seu Filho. Se assim for, quem é agora o teu irmão? Que santo poderá vir para te conduzir a casa? Terás perdido o teu rumo. E poderias ver nesse irmão uma resposta que te negaste a dar? Cura e serás curado. Nenhum outro caminho te poderá levar à paz. Deixa entrar o teu paciente porque vem da parte de Deus. Não será a sua santidade suficiente para despertar a tua memória Dele.

### 3. A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA

#### I. A ESCOLHA DOS PACIENTES

1 – Cada um dos que te são enviados é um dos teus pacientes. Todavia, isto não significa que sejas tu a escolhê-lo ou a decidir acerca do tipo de tratamento que lhe convém. Significa, sim, que ninguém vem a ti por engano. Não existe erro no plano de Deus. Pelo contrário, seria um erro assumir que sabes o que deves oferecer a quem chega a ti. Não te compete decidir sobre isso. Existe uma tendência a assumir que tens de te sacrificar constantemente por quem vem a ti. Isto dificilmente poderia ser verdade. Exigires um **sacrifício** a ti mesmo, seria exigir um sacrifício a Deus, e Ele nada sabe sobre o sacrifício. Quem apelaria pela Perfeição, sendo ele mesmo imperfeito?

2 – Então, quem é que decide o que cada irmão precisa? Tu não, certamente, uma vez que ainda és incapaz de reconhecer quem é aquele que pede. Há algo nele que te dirá, se o ouvires. E esta é a resposta: ouvir. Não exijas, não decidas, não sacrifiques. Ouve. O que ouves é verdade. Acaso Deus te enviaria o Seu Filho sem estar seguro de que compreenderias as suas necessidades? Pensa no que Deus te disse: Ele necessita da tua voz para que fales por Ele. Alguma outra coisa poderia ser mais santa? Ou haver um dom maior para ti? <sup>1</sup>Preferirias poder escolher quem deve ser deus, ou, pelo contrário, preferirias escutar a Voz Daquele que é Deus em ti?

3 – Os teus pacientes não precisam de estar fisicamente presentes para que os sirvas em Nome de Deus. Isto pode ser difícil de recordar, mas Deus não limitaria os Seus dons os poucos pacientes que podes ver. Podes ver outros igualmente, porque a visão não se limita aos olhos do corpo. Alguns não precisam da tua presença física. Precisam de ti tanto quanto os outros, ou talvez mais, no momento em que te são enviados. Reconhecê-los-ás na forma que seja mais útil para ambos. Não importa a forma como eles vêm. Serão enviados na forma que mais ajude: um nome, um pensamento, uma imagem, uma ideia, ou talvez apenas a vontade de estenderes a tua mão a alguém, em algum lugar. A reunião está nas mãos do Espírito Santo. Não pode deixar de se cumprir.

4 – Um santo terapeuta, um professor de Deus avançado nunca se esquece de uma coisa: não foi ele que realizou o plano de salvação, nem estabeleceu qual seria a sua própria função dentro dele. Compreende que a sua participação é necessária ao todo e que, através dela, reconhecerá o todo quando essa participação tiver sido completada. Entretanto, tem de aprender, e os seus pacientes são os meios que lhe são enviados para tal aprendizagem. Como é que, então, não haveria de estar agradecido a eles e por eles? Vêm com Deus. Trocaria esta

esta Dívida por uma ninharia, ou acaso fecharia a porta ao Salvador do mundo para deixar entrar um fantasma? Não permitas que o Filho de Deus seja atraído. Quem te incita a fazer isto está muito para além da tua compreensão. Portanto, não se regozijaria esse terapeuta de poder responder, quando só assim será capaz de ouvir o chamamento e compreender que é o seu próprio chamamento?

## II - A PSICOTERAPIA É UMA PROFISSÃO?

1 – Falando rigorosamente, a resposta é: não. Se o mundo inteiro está implicado, como poderia ser uma profissão separada? E como poderia limitar-se a uma interacção na qual todos são, simultaneamente, pacientes e terapeutas em cada relação que empreendem? Portanto, em termos práticos, pode-se dizer que existem aqueles que, de alguma forma, se dedicam principalmente à cura. E é a eles que muitos outros recorrem em busca de ajuda. Isto, com efeito, é a prática da terapia. Estes são, por conseguinte, os terapeutas «oficiais». Consagram-se a determinados tipos de necessidades nas suas actividades profissionais, ainda que poderiam ser professores muito mais capazes fora delas. Estas pessoas, evidentemente, não precisam de normas especiais, mas poderiam ser convocados a usar aplicações especiais dos princípios gerais da cura.

2 – Em primeiro lugar, ser terapeuta profissional é estar numa excelente posição para demonstrar que não existem graus de dificuldades na cura. Para isto, todavia, necessita de um treino especial, uma vez que o plano de ensino mundano que pretendeu fazer dele um terapeuta não lhe permitiu aprender muito acerca dos reais princípios da cura. De facto, provavelmente, ensinou-lhe como fazer da cura algo impossível. A maior parte do ensino do mundo está baseada no julgamento, cujo objectivo é fazer do terapeuta um juiz.

3 – Mas até isto pode ser utilizado pelo Espírito Santo, o que Ele fará se lhe for dada a mínima oportunidade. O curador não curado pode ser arrogante, egoísta, não se envolver ou ser desonesto. Pode até acontecer que o seu objectivo principal não seja a cura. Apesar de tudo isto, algo se passou com ele, sem dúvida, quando decidiu ser curador, não importa quão insignificante tenha sido então, tal como não importa quão desencaminhado esteja agora. Esse «algo» é suficiente. Mais tarde ou mais cedo esse «algo» aparecerá e crescerá; um paciente tocará o seu coração e o terapeuta pedir-lhe-á ajuda, em silêncio. Um terapeuta ter-se-á encontrado em si mesmo. Terá pedido que o Espírito Santo entre e cure a relação. Terá aceitado a Expição para si mesmo.

4 – Diz-se que Deus viu o que tinha criado e compreendeu que era bom. Isto, definitivamente, não é assim. Declarou-o perfeito, assim foi! E como as Suas criações não mudam e duram para sempre, assim é agora. Ainda assim, terapeuta e paciente perfeitos, não podem existir. Ambos terão renegado a sua perfeição, porque a enorme necessidade que sentem um do outro implica um claro sentimento de carência. Uma relação entre dois não é Uma Relação. Todavia, é o meio para o retorno; o caminho que Deus escolheu para o regresso do Seu Filho. Neste sonho estranho deve ocorrer uma estranha correcção, porque somente isto é o chamamento para despertar. E que outra coisa deveria ser a terapia? Desperta e desfruta, porque todos os teus pecados foram perdoados. Esta é a única mensagem que duas pessoas sempre deveriam transmitir uma à outra.

5 – Algo de bom tem de emergir em cada encontro entre terapeuta e paciente. E este «algo de bom» é salvaguardado para ambos, até ao dia em que sejam capazes de reconhecer que só isso é real na sua relação. Nesse momento, isso é-lhes devolvido, abençoado pelo Espírito Santo, como um dom do seu Criador e como prova do seu Amor. Porque a relação terapêutica tem de se tornar como a relação que existe entre o Pai e o Filho. Não há outra, porque não há mais nada. Os terapeutas deste mundo não aspiram a este desenlace, e muitos dos seus pacientes não poderiam aceitar a sua ajuda se assim fizessem. Mas, realmente, nenhum terapeuta estabelece o objectivo das relações em que está envolvido. A sua compreensão inicia-se ao reconhecer isto, e é partindo deste ponto que começa a crescer.

6 – A cura verifica-se no preciso momento em que o terapeuta se esquece de julgar o paciente. Em certas relações este ponto nunca é alcançado, ainda que ambos possam ter alterado os seus sonhos durante o processo. Mas não é o mesmo sonho para ambos e, portanto, não é o sonho de perdão no qual, um dia, ambos despertarão. O bem é salvaguardado. Mas poupa-se muito pouco tempo. Os novos sonhos perderão o seu atractivo temporal para voltarem a ser sonhos de medo, que é o conteúdo de todos os sonhos. Assim, nenhum paciente pode aceitar mais do que está disposto a receber, e nenhum terapeuta pode oferecer mais do que julga ter. Assim, há lugar para todas as relações neste mundo, sendo que o bem que aportam depende do que cada um aceite e utilize.

7 – Por conseguinte, é quando o julgamento cessa que a cura ocorre, porque só então se pode compreender que não há graus de dificuldade na cura. Esta é uma compreensão necessária ao curador curado. Terá aprendido que não é mais difícil despertar um irmão de um certo sonho do que de outro. Nenhum terapeuta profissional pode manter este entendimento na sua mente, de forma consistente, com o intuito de o oferecer a quem quer que venha a ele. Alguns há que se aproximaram bastante, mas preferiram não aceitar a dívida totalmente, permitindo assim que a sua compreensão permanecesse na terra até ao fim do tempo. Dificilmente poderiam ser chamados terapeutas profissionais. Esses são os santos de Deus. São os Salvadores do mundo. A sua imagem permanece porque assim escolheram. Tomam o lugar de outras imagens e ajudam com sonhos doces.

8 – Uma vez que o terapeuta profissional tenha compreendido que as mentes estão unidas, não pode deixar de entender que, na cura, os graus de dificuldade não têm sentido. Mas, muito antes que isto seja alcançado no tempo, ele pode partir ao seu encontro. Muitos instantes santos podem ser seus, ao longo do caminho. Uma

meta marca o final de uma jornada, não o seu início. E, à medida que cada meta é alcançada, uma outra, nova, pode ser vista no horizonte. A maioria dos terapeutas profissionais, todavia, está muito no início da primeira etapa da primeira jornada. Inclusivamente, aqueles que começaram a compreender o que têm de fazer, ainda podem tropeçar na forma de fazê-lo. Mas todas as leis da cura podem ser suas, num instante. A jornada somente é longa nos sonhos.

9 – O terapeuta profissional tem, no entanto, uma vantagem que pode economizar imenso tempo se for correctamente utilizada. Terá escolhido um caminho em que surgem grandes tentações de desvirtuar o seu papel. Mas, se evitar a tentação de assumir uma função que não lhe corresponde, isso permitir-lhe-á superar rapidamente muitos dos obstáculos que atrapalham a sua chegada à paz. Para compreender que não existem graus de dificuldade na cura, tem, também, de reconhecer a sua igualdade com o paciente. Nisto, não há meios termos. Ou são iguais ou não são. No entanto, as tentativas dos terapeutas para se comprometerem neste sentido são, na verdade, estranhas. Alguns utilizam a relação somente para agregar corpos que adorem a sua figura e crer que são a salvação. Mas também é verdade que muitos pacientes consideram salvador este estranho procedimento. Apesar disto, em cada encontro sempre há Um Que diz: «Irmão, escolhe outra vez».

10 – Não te esqueças de que qualquer forma de especialismo tem de ser defendida, e sê-lo-á. O terapeuta indefeso tem a força de Deus com ele, mas o terapeuta que se defende terá perdido de vista a fonte da sua salvação. Não pode ver nem ouvir. Como é que, então, poderia ensinar? Porque a Vontade de Deus é que assuma a sua parte no plano para a salvação. Porque a Vontade de Deus é que o seu paciente seja ajudado a unir-se com ele. Porque a sua incapacidade para ver e ouvir não limita o Espírito Santo, seja de que maneira for. Excepto no tempo. No tempo, de facto, pode haver um enorme lapso entre o oferecimento e a aceitação da cura. Este é o véu sobre a face de Cristo. Todavia, tudo isto é uma ilusão, já que o tempo não existe e a Vontade de Deus sempre tem sido exactamente como é.

### III - A QUESTÃO DOS HONORÁRIOS

1 – Ninguém pode pagar pela terapia, porque a cura é de Deus e Ele não pede nada. No entanto, faz parte do Seu plano que tudo neste mundo seja utilizado pelo Espírito Santo para ajudar a realizar esse plano. Até um terapeuta avançado tem certas necessidades terrenas, enquanto permanece aqui. Se precisa de dinheiro, ele ser-lhe-á dado, não como pagamento mas para o ajudar a servir melhor os propósitos do plano. O dinheiro não é um mal; não é nada. Mas ninguém pode viver sem ilusões, uma vez que ainda temos que pugnar para que todos, em todo o lado, aceitem a última ilusão. Isto tem um peso enorme no que se refere a este propósito, para o qual cada um veio aqui. Permanece na Terra apenas para isto. E, enquanto aqui estiver, tudo aquilo de que necessite durante a sua estadia ser-lhe-á proporcionado.

2 – Só um curador não curado procura curar por dinheiro. E não terá êxito na mesma medida que valorize esse dinheiro. Sequer encontrará a sua cura neste processo. Alguns haverá a quem o Espírito Santo pedirá um pagamento pelo Seu Propósito. Haverá outros a quem Ele não pedirá nada. Mas nunca será o terapeuta a decidir sobre estas assuntos. Há uma diferença entre pagamento e preço. Dar dinheiro onde o plano de Deus impera, não tem qualquer preço. Retê-lo ou impedir que chegue onde pertence por direito, tem um preço enorme. Terapeuta que faça isto perde o direito a tal designação, porque não compreende o que é a cura. <sup>1</sup>Se não pode dar dinheiro também não pode recebê-lo.

3 – Na verdade, os terapeutas deste mundo não têm qualquer utilidade para a salvação do mundo. Pedem e, portanto, não podem receber. Os pacientes pagam apenas por um intercâmbio de ilusões. Isto, sim, exige pagamento e o seu preço é enorme. Uma relação «comprada» não pode oferecer a única dádiva capaz de alcançar a cura. O perdão, o único sonho do Espírito Santo, não pode ter preço. Se tiver, o único que faz é voltar a **crucificar** o Filho de Deus. Poderá ser esta a forma como será perdoado? E é esta a forma em que o sonho de pecado acabará?

4 – Ninguém tem que lutar pelo direito à vida. Isto foi prometido e está garantido por Deus. Por conseguinte, é um direito que terapeuta e paciente compartilham totalmente. Se a sua relação terá de ser santa, aquilo que um precisa, o outro dá; aquilo que um necessita, o outro fornece. É assim que a sua relação se torna santa, porque é assim que ambos são curados. O terapeuta paga ao paciente com a sua própria gratidão e o paciente responde com a dele. Não tem qualquer custo para ambos. Mas ambos se fazem credores de um imenso agradecimento pela libertação de um cativo e pelo fim da dúvida. Quem não estaria agradecido com tal dádiva? Mais ainda: quem poderia imaginar que algo assim pudesse ser comprado?

5 – Foi dito claramente que, àquele que necessite, lhe será dado. É porque tem, que pode dar. E porque dá, receberá. Esta é a lei de Deus e não a do mundo. Portanto, é a lei dos curadores de Deus. Dão porque ouviram o Seu Mundo e compreenderam-no. Assim, tudo aquilo de que necessitam lhes será dado. No entanto, perderão totalmente esta compreensão se, por um momento, se esquecerem de que tudo o que têm provém de Deus. Se acreditam que precisam de alguma coisa de algum irmão, deixarão de poder reconhecê-lo como tal. E se tal fazem, até no Céu se apaga uma luz. Onde o Filho de Deus se volta contra si mesmo, somente existe escuridão. <sup>1</sup>Terá negado a luz a si mesmo, e não pode ver.

6 – Uma regra deve ser sempre observada: ninguém deve ser recusado por não poder pagar. Ninguém é enviado a alguém por acidente. Todas as relações têm sempre um propósito. Independentemente do que pos-

possam ter sido antes da chegada do Espírito Santo, continuam a ser o Seu templo potencial; o lugar de descanso de Cristo, o espaço do próprio Deus. Quem quer que tenha chegado, foi enviado. Talvez tenha sido enviado para proporcionar ao seu irmão o dinheiro de que ele precisava. Nisso, ambos serão abençoados. Ou, então, foi enviado para ensinar ao terapeuta o quanto ele estava precisando de perdão, e, comparando, quão pouco valioso é o dinheiro. De novo, ambos serão abençoados. Somente em termos de preço, um poderia ter mais do que o outro. Ao compartilharem, todos ganham uma bênção que não tem preço.

7 – Esta noção de pagamento poderá ser pouco prática, e aos olhos do mundo sê-lo-á. Todavia, na verdade, nem um só pensamento do mundo é realmente prático. Quanto se pode ganhar por lutar pelas ilusões? Quanto se perde quando se abandona Deus? E, acaso, é possível fazer isto? Certamente não é prático lutar por nada, tal como não é prático lutar pelo impossível. Portanto, paremos um momento, mas o suficiente para pensar no seguinte: talvez tenhas andado à procura da salvação sem saberes onde procurar. Interessa pouco quem te pede ajuda; ele ou ela podem ensinar-te onde deves procurá-la. Que maior dádiva te poderia ser oferecida? Que maior dádiva poderias tu oferecer?

8 – Os médicos, curadores, terapeutas, professores, curam-se a si mesmos. Muitos virão a ti portando o dom da cura, se te decidires por ela. O Espírito Santo nunca recusará um convite para entrar e para permanecer junto de ti. Dar-te-á inúmeras oportunidades para que abras a porta à salvação, porque essa é a função Dele. Dir-te-á, também, em todas e em cada uma das circunstâncias, e em qualquer momento, qual é exactamente a tua função. Quem quer que seja que Ele te envie encontrar-te-á e oferecerá a sua própria mão ao seu Amigo. Permite que o Cristo em ti o convide a entrar porque, esse mesmo Cristo que está nele, é igual ao que está em ti. Recusa-lhe a entrada e terás negado o Cristo em ti. Recorda a triste história do mundo e as alegres notícias da salvação. Recorda o plano de Deus para a restauração da alegria e da paz. E jamais te esqueças de quão simples são os caminhos de Deus:

Estavas perdido na escuridão do mundo até que pediste luz.  
E, então, Deus enviou o Seu Filho para ta dar.

## ÍNDICE

### Introdução

#### 1. O propósito da Psicoterapia

#### 2. O processo da Psicoterapia

##### Introdução

- I. O papel do psicoterapeuta
- II. Os limites da Psicoterapia
- III. O lugar da religião na Psicoterapia
- IV. O processo da doença
- V. O processo de da cura
- VI. A definição de cura
- VII. A relação paciente/terapeuta ideal

#### 3. A prática da Psicoterapia

- I. A selecção dos pacientes
- II. A Psicoterapia é uma profissão?
- III. A questão dos honorários

# GLOSSÁRIO

O GLOSSÁRIO que a seguir se apresenta não faz parte do original de *Psicoterapia, propósito, processo e prática*. É acrescentado aqui para o caso do leitor não estar familiarizado com os conceitos fundamentais de *Um Curso em Milagres*, do qual o presente texto é um extensão, pois provém da mesma fonte. Cada palavra deste glossário aparece a **negrito** na primeira vez que surge no texto apresentado.

## **ATAQUE**

Intenção de justificar a projecção da culpa sobre os outros para demonstrar a sua maldade e a sua culpa, com o fim de nos livrarmos dela. Uma vez que o ataque é sempre uma projecção da responsabilidade da separação nunca se justifica... porque a dita separação, de facto, nunca ocorreu. Este termo também se utiliza para indicar o «pecado» da separação de Deus, do qual resulta a crença em que Deus nos atacará para nos castigar (a «ira de Deus»).

## **CÉU**

O nível a que chamamos Céu é o mundo do conhecimento onde «mora» Deus e a Sua Criação em unidade com a Sua Vontade e Espírito. Ainda que esteja excluído do mundo da percepção (ego/mente errada), aquilo a que chamamos Céu pode reflectir-se neste mundo através de uma relação santa (aquela onde as duas pessoas não projectam as suas culpas uma sobre a outra).

## **CONHECIMENTO**

É o nível a que chamamos Céu, o mundo de Deus da pré-separação e da Sua Criação unificada, no qual não há diferenças ou formas, e, assim, está excluído do mundo da percepção (este em que parece que vivemos). Não se deve confundir com o uso mais comum de «conhecimento», que implica alguém que «conhece» e algo que é «conhecido». Nesta asserção reflecte a experiência pura, sem a dicotomia sujeito/objecto.

## **CONSCIÊNCIA**

"A consciência, ou seja, o nível da percepção, foi a primeira divisão introduzida na mente depois da separação, fazendo com que a mente seja um receptor ao invés de um criador. A consciência é correctamente identificada como o domínio do ego." (Texto...IV.:1).

## **CRISTO**

A Segunda Pessoa da Trindade. O Unigénito de Deus ou a totalidade da Filiação. O Ser que Deus criou por extensão do seu Espírito. Ainda que Cristo crie como Seu Pai, Ele não é o Pai, uma vez que Deus criou Cristo, mas Cristo não criou Deus. Cristo não deve ser equiparado exclusivamente com Jesus.

## **CRUCIFICAÇÃO**

Um símbolo do ataque do ego a Deus, portanto, ao Seu Filho, o qual atesta a «realidade» do sofrimento, do sacrifício e da morte que parecem manifestar-se no mundo. Também se refere à crucificação de Jesus, um exemplo extremo que ensinou que a nossa verdadeira identidade de Amor jamais pode ser destruída porque a morte não tem poder sobre a vida.

## **CULPA**

O sentimento vivido em relação com o «pecado». É a totalidade dos sentimentos e crenças negativas que temos sobre nós mesmos, na sua maioria inconscientes. A culpa descansa sobre um sentido de indignidade inerente, aparentemente ainda maior do que o poder de perdoar de Deus - Aquele que julgamos exigir castigo devido ao nosso «pecado» de separação contra Ele. A culpa sempre será projectada sob a forma de ataque, seja contra os outros através da ira, ou contra os nossos próprios corpos, sob a forma de doenças.

## **CURA**

É a correcção, na mente, da crença na doença, o que faz com que a separação e o corpo pareçam reais. A cura está baseada na crença em que a nossa verdadeira identidade não é o corpo, mas o espírito. Portanto, qualquer doença tem de ser ilusória, uma vez que só um corpo, ou ego, pode sofrer. Deste modo, a cura reflecte o princípio de que não há ordem de dificuldade nos milagres. A cura é o resultado da união, no perdão, da nossa pessoa com outra, a qual muda a percepção dos nossos corpos separados - fonte de todas as doenças - por um propósito compartilhado de cura neste mundo.

## **DAR - RECEBER**

*Mente errada* - Dando tem-se menos. Esta é a ideia que reforça a crença do ego na escassez e no sacrifício, e exemplifica o seu princípio «dar para receber». Crendo que pode dar as suas dádivas de culpa e medo, a versão do ego do acto de dar é, de facto, projecção.

*Mente correcta* - Dar e receber é o mesmo. Esta ideia espelha o princípio da abundância do (nível a que chamamos) Céu e da lei da extensão. O espírito nunca pode perder, uma vez que quando se dá amor, recebe-se amor. As dívidas do espírito são qualitativas e não quantitativas. Por conseguinte, aumentam sempre que se compartilham. O mesmo princípio funciona no nível do ego porque, à medida que se dá culpa (projectação) é culpa que recebemos.

### **DEFESAS**

São os meios que utilizamos para nos «protegermos» da nossa culpa, medo e ataques aparentes dos outros. As defesas mais importantes são a negação e a projectação. Dada a sua própria natureza, «criam» o que querem defender, já que reforçam a crença na nossa própria vulnerabilidade, a qual, simplesmente, faz aumentar o medo e, portanto, a convicção de que necessitamos de defesas.

### **DEUS**

A Primeira Pessoa da Trindade. O Criador, a Fonte de qualquer ser ou vida. O Pai, cuja Paternidade se estabelece pela existência do Seu Filho, Cristo. A essência de Deus é espírito o qual é compartilhado por toda a criação, cuja unidade é o estado do (nível a que chamamos) Céu.

### **EGO**

É a crença na realidade do ser separado ou falso, o qual foi feito como substituto do Ser que Deus criou. Trata-se do pensamento de separação que faz surgir o «pecado», a culpa e o medo, bem como um sistema de pensamento baseado no ataque para se auto-proteger. É a parte da mente que crê estar separada da Mente de Cristo. Esta mente dividida tem duas partes: a mente errada e a mente correcta. De uma forma geral, o termo «ego» refere-se à «mente errada», embora possa incluir a «mente correcta», a parte do ego que pode aprender. O ego não deve ser equiparado com o «ego» da psicanálise, embora possa ser equiparado com a psique inteira, da qual o «ego» psicanalítico faz parte.

### **ESPÍRITO SANTO**

É a Terceira Pessoa da Trindade. É a resposta de Deus à separação e o elo de comunicação entre Deus e os Seus Filhos «separados». O Espírito Santo vê as nossas ilusões (percepção) e guia-nos através delas até à verdade (conhecimento). É a Voz por Deus que fala por Ele e pelo nosso Ser real, recordando-nos a Identidade que esquecemos. Também é conhecido como Consolador, Curador, Guia, Intercessor e Professor.

### **EXPIAÇÃO**

É o plano de correcção do Espírito Santo para desfazer o ego e curar a crença na separação. Surgiu com a criação do Espírito Santo depois da «separação»; terá terminado quando cada Filho separado tenha cumprido a sua parte no Plano por meio do perdão total.

### **FILHO DE DEUS**

*Conhecimento* - A Segunda Pessoa da Trindade; o Cristo, que é o nosso verdadeiro Ser.

*Percepção* - A nossa identidade enquanto Filhos separados ou o Filho de Deus enquanto ego com uma mente errada e uma mente correcta. A frase «filho do homem» rara vezes é utilizada para designar o Filho como separado (de Deus).

### **JULGAMENTO**

“Uma das ilusões de que sofres é acreditares que quando fazes um julgamento contrário a alguma coisa, ele não tem efeito. Isto não pode ser verdadeiro a não ser que também acredites que aquilo contra o qual julgaste, não existe. Evidentemente não acreditas nisso ou não terias feito um julgamento contrário.” (Texto..VI.).

### **MAGIA**

A intenção de resolver um problema onde ele não está. Trata-se da estratégia do ego para manter a crença na separação, o qual é o verdadeiro problema. Neste processo, a culpa projecta-se sobre os outros (ataque), ou sobre o nosso corpo (doença), e aí procuramos resolvê-la, em vez de permitirmos que o Espírito Santo a desfaça na nossa mente.

### **MEDO**

A emoção do ego que contrasta com o amor - a emoção que Deus nos deu. O medo tem origem no castigo que esperamos pelos nossos «pecados», os quais provêm da culpa. É o terror que resulta daquilo que julgamos que merecemos e que nos leva a defendermo-nos atacando outros, o que não só reforça o nosso sentimento de vulnerabilidade e de medo, mas também estabelece um círculo vicioso entre medo e defesa.

### **MENTE**

*Conhecimento* - O agente activo do espírito, do qual é um equivalente aproximado e ao qual proporciona a sua energia criadora.

*Percepção* - O agente da selecção. Somos livres de crer que a nossa mente pode estar separada ou dividida da mente de Deus (mente errada), ou que a ela pode regressar (mente correcta). A mente não se refere ao cérebro, o qual é um órgão físico, sendo, por isso, um aspecto do ego ou ser corporal.

### **MORTE**

*Mente errada* - O último testemunho da realidade aparente do corpo e da separação do nosso Criador, que é a Vida. Se o corpo morre, então, tem de ter vivido, o que significa que o seu criador - o ego - tem de ser real e estar igualmente vivo. A morte é encarada como o castigo máximo pelo nosso «pecado» da separação.

*Mente correcta* - O tranquilo abandono do corpo depois de ter cumprido o seu propósito como instrumento de ensinamento.

## **MUNDO**

*Mente errada* - É o efeito da crença do ego na separação, a qual é a causa da sua existência. É o que decorre de se dar forma ao pensamento da separação. O mundo - a expressão da crença no tempo e no espaço - não foi criado por Deus, o Qual transcende totalmente o tempo e o espaço. A menos que se refira especificamente ao mundo do conhecimento, «mundo» refere somente a percepção, ou seja o mundo da pós-separação do ego. O mundo da separação reforça a crença do ego no «pecado» e na culpa, e perpetua a aparente existência desse mesmo mundo.

*Mente correcta* - O mundo converte-se no lugar onde aprendemos as nossas lições de perdão, um recurso didáctico de que o Espírito Santo se serve para nos ajudar a transcender o mundo. Assim, o propósito do mundo é ensinar-nos que não há qualquer mundo.

## **ORAÇÃO**

A oração pertence ao mundo da percepção, uma vez que orar é pedir a Deus algo que cremos necessitar. A única oração verdadeira é pelo perdão, dado que este devolve à consciência o facto de que já possuímos o que necessitamos. Tal como se usa neste contexto, a oração não inclui as experiências de comunhão com Deus que surgem durante os períodos de quietude e meditação.

## **PECADO**

A crença na realidade da nossa separação de Deus, a qual o ego considera algo impossível de corrigir, uma vez que representa o nosso ataque a Deus, Quem, como consequência, jamais nos perdoará. Esta crença no «pecado» conduz à culpa, a qual exige castigo. O pecado é equivalente à separação, e é o conceito central do sistema de pensamento do ego, do qual logicamente surgem todos os outros. Para o Espírito Santo, os pecados são erros que se corrigem e se curam.

## **PERCEPÇÃO**

*Nível I* - Significa o mundo das formas e as diferenças da pós-separação («Queda/Expulsão do Paraíso»), mutuamente à parte do mundo do conhecimento (Deus). Este mundo (físico) emana da nossa crença na separação e não tem realidade verdadeira fora deste pensamento.

*Nível II* - A percepção vem da projecção: o que vemos internamente determina o que vemos no exterior. Portanto, a nossa interpretação da «realidade» é fundamental para a percepção, em vez do que aparente ser objectivamente real.

## **PERDÃO**

A nossa função especial que altera a percepção que temos dos outros enquanto «inimigos» (ódio especial) ou «ídeos salvadores» (amor especial), para uma percepção de irmãos e amigos. Portanto, o perdão retira deles todas as projecções de culpa que lhes apontamos. É a expressão do milagre ou visão de Cristo, que vê todos, sem excepção, unidos na Filiação de Deus, para além das diferenças aparentes que reflectem a separação. Deste modo, perceber o «pecado», torna impossível o perdão, o qual reconhece que aquilo que julgamos que nos fizemos, de facto, nós o fizemos a nós mesmos, uma vez que somente nós mesmos nos podemos privar da paz de Deus. Portanto, perdoamos aos outros pelo que *não* nos fizeram.

## **PROFESSOR DE DEUS**

No momento em que nos decidimos unir com outra pessoa - a decisão de nos unirmos à Expição - convertemo-nos em professores de Deus. Ao ensinarmos a lição do perdão do Espírito Santo aprendemo-la nós mesmos, reconhecendo que o nosso Professor é o Espírito Santo, que ensina através de nós usando o nosso exemplo de perdão e paz. Também é conhecido como «trabalhador de milagres», «mensageiro» e «ministro de Deus».

## **RELAÇÃO SANTA**

A união, na visão de Cristo, de duas pessoas que, antes, se percebiam como separadas. É o meio usado pelo Espírito Santo para desfazer a culpa de uma relação não-santa ou especial (ver abaixo), reorientando o seu objectivo para o perdão e para a verdade.

## **ROSTO DE CRISTO**

Simbolo do perdão. O rosto da libertação da culpa que se vê na outra pessoa quando a vemos através da visão de Cristo, ou seja, quando a vemos livre das nossas projecções de culpa. Assim, trata-se da extensão até aos outros da libertação da culpa que vemos em nós mesmos, independentemente do que vêem os nossos olhos físicos.

## **SACRIFÍCIO**

A crença central no sistema de pensamento do ego: alguém tem de perder se outro ganha. O princípio de ter de renunciar para poder receber (dar para receber). Por exemplo: para receber o Amor de Deus devemos pagar um preço, normalmente na forma de sofrimento, a fim de expiar a nossa culpa («pecado»). É o oposto do princípio da salvação ou justiça através do qual ninguém perde e todos ganham.

## **SALVAÇÃO**

A Expição, o desfazer da separação. Somos «salvos» da nossa crença na realidade do «pecado» e da culpa, por meio da mudança (cura) da mente que induz ao perdão e ao milagre.

### **SEPARAÇÃO**

A crença no «pecado» que afirma uma identidade separada no nosso Criador. A separação parece que ocorreu em determinado momento do tempo, sendo que o mundo que surgiu desse pensamento é simbolizado pelo ego. É um mundo de percepção e de forma, de dor, sofrimento e morte. A separação é real no tempo, mas é desconhecida na eternidade.

### **SONHO**

É o estado da pós-separação, no qual o Filho de Deus sonha com um mundo de «pecado, culpa e medo», crendo que esta é sua realidade e que o Céu é um sonho. O Filho, que é o sonhador, é a causa do mundo, sendo este o efeito dela. Dá a sensação, no entanto, de que esta relação de causa/efeito está invertida neste mundo, pois parece que somos o efeito, ou as vítimas do mundo. Ocasionalmente, este termo é usado para referir sonhos (quando dormimos) dentro do sonho (este mundo que parece real), apesar de não haver diferença real entre esses sonhos nocturnos e o sonhar acordado, porque ambos são parte do mundo ilusório da percepção.

### **TEMPO**

*Mente errada* – 1) Parte integrante do mundo ilusório da separação do ego, em contraste com a eternidade que existe apenas no (nível a que chamamos) Céu. Apesar do tempo parecer que é linear, na verdade está contido num instante diminuto que já foi corrigido e desfeito pelo Espírito Santo. ) Um meio para manter o ego através da preservação dos «pecados» do passado usando a culpa, a qual se projecta no futuro por medo do castigo, menosprezando o presente - o único tempo que existe.

*Nível II - Mente correcta* - Um meio para desfazer o ego através do perdão do passado e do instante santo - o intervalo de tempo dos milagres. Quando se completar o perdão, o mundo do tempo terá cumprido o seu propósito e desaparecerá na eternidade.

### **UM CURSO EM MILAGRES**

Frequentemente, o Curso refere-se a si mesmo. A sua meta não é o amor ou Deus, mas sim a dissolução - através do perdão - das interferências da culpa e do medo que nos impedem de O aceitar. Portanto, o objectivo principal está no ego e na sua dissolução, mais do que em Cristo ou no espírito.